



University of
Texas Libraries



e-revist@s



Centro Unversitário Santo Agostinho

revistafsa

www4.fsnet.com.br/revista

Rev. FSA, Teresina, v. 18, n. 8, art. 8, p. 148-164, ago. 2021

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

<http://dx.doi.org/10.12819/2021.18.8.8>

DOAJ DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

WZB
Wissenschaftszentrum Berlin
für Sozialforschung



Zeitschriftendatenbank



MIAR



Cartas Linguísticas de Comunidades Quilombolas no Estado do Pará: Um Estudo Dialetológico e Sociolinguístico

Linguistics Cards from Quilombola Communities in the State of Pará: A Dialectological and Sociolinguistic Study

Denise Ramos Cardoso

Doutorado em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos
Mestra em Letras, Linguística e Teoria Literária pela Universidade Federal do Pará
Docente da Universidade do Estado do Pará / Coordenadora (SEMEC), em Conceição do Araguaia (PA)
E-mail: dcardoso2005@hotmail.com

Sidney da Silva Facundes

Doutor em Linguística pela State University Of New York At Buffalo
Professor adjunto da Universidade Estadual do Pará
E-mail: sidi@ufpa.com.br

Endereço: Denise Ramos Cardoso

Av. Rio Araguaia, s/n - Cruzeiro, Conceição do Araguaia
- PA, 68540-000. Brasil.

Endereço: Sidney da Silva Facundes

R. do Úna, 156 - Telégrafo Sem Fio, Belém - PA, 66113-010. Brasil.

Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar Rodrigues

Artigo recebido em 05/06/2021. Última versão recebida em 17/06/2021. Aprovado em 18/06/2021.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação



RESUMO

Esse artigo é um recorte de uma pesquisa maior, desenvolvida em nível de mestrado. O objetivo é fazer um mapeamento da Variação Linguística de comunidades quilombolas, localizadas no Nordeste do Estado do Pará (PA). A Fundamentação Teórica é baseada nos estudos sobre Dialetologia e Sociolinguística, por meio de uma perspectiva interdisciplinar. A confluência entre os referidos saberes colabora para uma pesquisa pós-moderna, que entende o saber científico a partir de diferentes vieses. A Metodologia é de abordagem qualitativa e do tipo descritivo, partindo do princípio de que as Cartas Linguísticas apresentadas são descritas a partir do olhar subjetivo de interpretação dos dados, uma postura bastante frequente nos estudos da linguagem no Brasil. Os resultados revelam diferentes perspectivas de fala dos participantes, a considerar questões culturais e sociais da localidade em que os dados foram coletados.

PALAVRAS-CHAVE: Dialetologia. Povos. Quilombolas. Sociolinguística. Variação. Linguística.

ABSTRACT

This article is an excerpt from a larger research, developed at the master's level. The objective is to map the Linguistic Variation of quilombola communities located in the Northeast of the State of Pará (PA). The Theoretical Foundation is based on studies on Dialectology and Sociolinguistics, through an interdisciplinary perspective. The confluence between these knowledges contributes to a post-modern research, which understands scientific knowledge from different biases. The methodology has a qualitative and descriptive approach, based on the principle that the Linguistic Letters presented are described from the subjective look of data interpretation, a very common posture in language studies in Brazil. The results reveal different perspectives of the participants' speech, considering cultural and social issues of the location where the data were collected.

KEYWORDS: Dialectology. Quilombola Peoples. Sociolinguistics. Linguistic Variation.

1 INTRODUÇÃO

Compreender as manifestações linguísticas como um fenômeno orgânico é essencial para o entendimento funcional da língua. Nesse sentido, partimos do pressuposto de que a língua, a linguagem e a fala são semiotizações distintas no processo interativo do homem, porém com relações concomitantes nos atos de fala, conferindo-lhes unidade. Por outro lado, apresentam variações típicas de qualquer organismo vivo, exposto a vários domínios sociais, tal como acrescenta Labov (2001).

Esse artigo é um recorte de uma pesquisa maior, desenvolvida a nível de mestrado. Objetivamos, com isso, fazer um mapeamento da Variação Linguística de comunidades quilombolas, localizadas no Nordeste do Estado do Pará (PA), dando-nos aparato para elaboração de Cartas Linguísticas, as quais ilustram perspectivas culturais e sociais do referido povo.

A Fundamentação Teórica que mobilizamos é baseada nos estudos sobre Dialetoleologia (CARDOSO, 1999; MOTA, CARDOSO, 2000; PAIM, NEIVA, 2018) e Sociolinguística (SILVA, ALBUQUERQUE, SISSI, 2019; OLIVEIRA, 2016; SEVERO, 2011), por meio de uma visão interdisciplinar entre os referidos saberes. Entendemos por “interdisciplinaridade” o mecanismo de coesão e complementação entre saberes de origens diferentes, de maneira a tornar o objeto de investigação mais complexo e relativo, assim como assevera Fazenda (2008). A confluência entre as referidas correntes teóricas colabora para uma pesquisa pós-moderna, a qual entende o saber científico a partir de diferentes vieses.

O percurso metodológico da pesquisa parte da abordagem qualitativa (BORTONIRICARDO, 2008) e do tipo descritivo (LAKATOS, MARCONI, 2013), partindo do princípio de que as Cartas Linguísticas apresentadas são descritas a partir do olhar subjetivo de interpretação dos dados, uma postura bastante frequente nos estudos da linguagem no Brasil. Assim, da abordagem qualitativa utilizamos sua natureza questionadora, bem como a necessidade de o pesquisador mobilizar um olhar sensível diante dos dados tratados. Já do ato de descrever nos interessamos mais de perto pela habilidade de identificar aspectos culturais do povo quilombola a partir dos pontos chaves descritas.

Em suma, esperamos que a referida pesquisa possa incentivar a comunidade científica a prosseguir com discussões que versam sobre a referida temática, de maneira a colaborarmos com uma investigação sobre linguagem e cultura de maneira indissociável, pois acreditamos que essa visão pode colaborar com todos os estudos das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

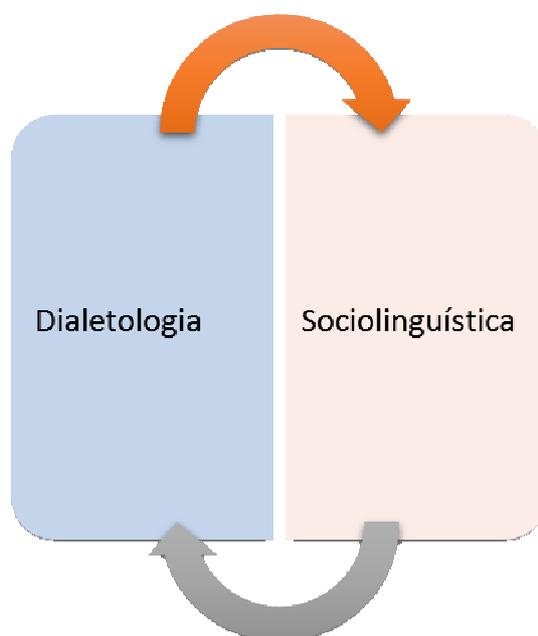
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Fundamentação Teórica desse artigo parte da articulação entre Dialetologia (CARDOSO, 1999; MOTA, CARDOSO, 2000; PAIM, NEIVA, 2018) e Sociolinguística (SILVA, ALBUQUERQUE, SISSI, 2019; OLIVEIRA, 2016; SEVERO, 2011), por meio de uma visão interdisciplinar entre os referidos saberes das ciências da linguagem. Entendemos que essa concepção confluyente entre saberes corrobora em uma investigação mais eficiente e adequada a uma “era complexa”, conforme palavras de Morin (2011).

Ao ter a fala como objeto de estudo, a Dialetologia e a Sociolinguística apresentam confluências consideráveis, seja no mapeamento cultural de um povo, seja na ressignificação das práticas sociais alojadas dentro de um tempo e de um espaço específicos.

A Figura abaixo apresenta o movimento interdisciplinar entre a Dialetologia e da Sociolinguística. A teoria que mobilizamos está centrada nessas interfaces dialógicas, estabelecendo uma zona fronteira e dialógica.

Figura 01 – Movimento Interdisciplinar nas Ciências da Linguagem



Fonte: Da Autora

A figura acima é constituída em duas colunas: a) a primeira, em que se alojam as pesquisas em Dialetologia; e b) a segunda, em que se alojam as investigações em Sociolinguística. Há, na parte inferior e na parte superior da figura setas que sugerem movimentos rotatórios, o que confere fluidez entre as partes ilustradas na figura.

Sobre a Dialetoлогия, apresentamos as pesquisas de Cardoso (1999), Mota e Cardoso (2000) e Paim e Neiva (2018), as quais versam sobre a relativização das semânticas da fala, a partir de uma construção linguístico-ideológica da oralidade.

Em sua investigação, Cardoso (1999) apresenta um breve percurso histórico a respeito da Dialetoлогия no Brasil, a partir de uma perspectiva Geolinguística. Logo, a autora procura um paralelo entre aspectos dialetológicos da Língua Portuguesa e as condições espaciais de comunidades linguísticas. Trata-se de uma abordagem interdisciplinar entre linguística dialetal e geografia, portanto.

Mota e Cardoso (2000) seguem no mesmo percurso de investigação do trabalho supracitado. As autoras partem do processo histórico da Dialetoлогия do Brasil para apresentarem um projeto de construção de um Atlas Linguístico, de maneira a mapear questões culturais da sociedade brasileira a partir de pistas históricas, semiotizadas na modalidade oral da língua.

Já Paim e Neiva (2018) discorrem a respeito da interface entre Dialetoлогия e Lexicologia, concebendo-as como aspectos basilares para o entendimento de lexemas em Língua Portuguesa. Logo, mais uma vez, a Dialetoлогия versa a partir de olhares genuinamente interdisciplinares, ao passo que corrobora como fator de interesse sob diversos prismas de investigação acadêmica.

Já no que compete à Sociolinguística, recorremos aos trabalhos de Silva, Albuquerque e Sissi (2019), Oliveira (2016) e Severo (2011), nos quais se percebe a dissonância entre variantes linguísticas sob o olhar da Sociolinguística Variacionista Diatópica.

Silva, Albuquerque e Sissi (2019) apresentam um estudo da Sociolinguística Variacionista com vistas a problematizar questões discursivas significadas a partir de atos de fala. Para isso, os autores partem da tentativa de compreensão do preconceito linguístico como instrumento intencional, galgado em concepções pedagógico-discursivas pré-existentes.

Já Oliveira (2016) apresenta uma síntese dos postulados labovianos, ao considerar que a fala é uma manifestação oral da linguagem, estando sujeita às variações de ordem semântica, fonética e sintática, estimuladas pelo próprio processo de evolução social. O autor, no caso, discorre e amplia as discussões propostas por Labov.

Por fim, Severo (2011) apresenta uma analogia entre os trabalhos discursivos de Bakhtin (2003; 2006) e Labov (2001) a partir da resignificação da acepção do termo “avaliação”. Para a autora, ambos os teóricos partem de diferentes lugares de fala, o que corrobora para uma distinção semântica do termo. Por outro lado, considera, também, que há uma confluência entre ambos, a partir do momento em que acreditam que a avaliação

pressupõe uma construção dialógica plural, a qual se manifesta no ser humano a partir da prática da oralidade.

Em síntese, as vertentes teóricas mobilizadas nesta pesquisa são de extrema relevância às pesquisas sobre fala e construção da cultura humana a partir da projeção da oralidade em determinado grupo linguístico. Isso, por sua vez, parte de colaborações da antropologia, da sociologia e da filosofia para uma pesquisa mais satisfatória.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os dados desse estudo foram coletados segundo a metodologia da dialetologia pluridimensional, ou seja, na escolha dos informantes, além da dimensão diatópica. O *corpus* foi tratado levando em consideração os tabus e suas variantes: diatópica, que se refere à disposição espacial (geográfica) dos pontos de inquéritos selecionados; diagenérica, referente ao sexo dos informantes e diageracional, relativa à faixa etária dos informantes selecionados. Descrevemos, a seguir, os aspectos mais relevantes no que tange à metodologia utilizada.

3.1 As Comunidades Pesquisadas

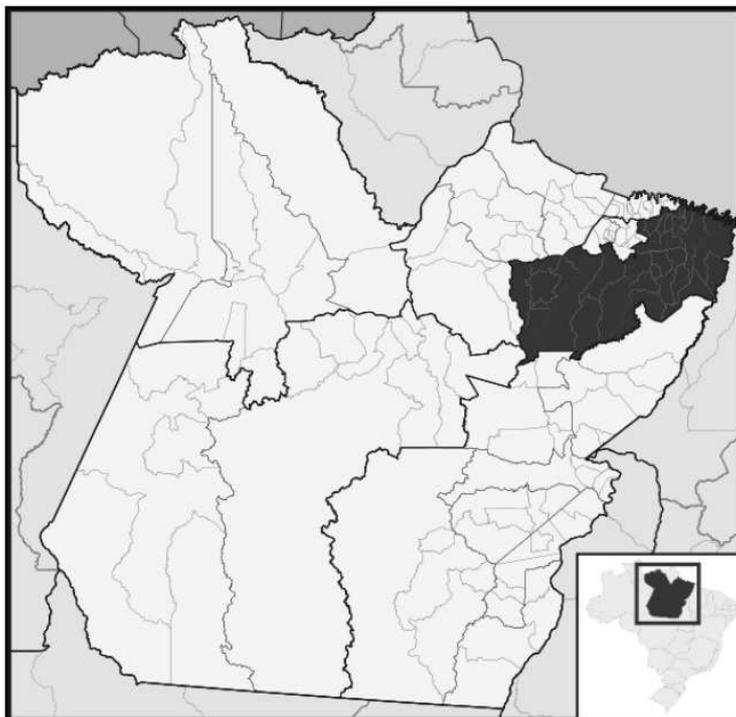
O levantamento dos dados para a constituição do *corpus* da pesquisa foi realizado nas comunidades remanescentes de quilombo, localizadas na Mesorregião Nordeste do Pará. Essas comunidades tiveram como principal atividade econômica a produção canavieira (século XVIII). Após a decadência dessa atividade, passaram a receber contingentes de negros fugidos de localidades vizinhas (principalmente de Belém). Outro fato relevante (e que carece de fontes de pesquisas), diz respeito aos primeiros conflitos que originaram a revolta social da Cabanagem (1835-1840), que ocorreram em Belém, pelo fato de o local ser estratégico para a adesão dos escravos que atuavam na lavoura canavieira.

Assinalamos que a luta armada se manifestou precisamente na área de maior tensão social: a da lavoura canavieira, nas bacias do Capim, Moju e Acará, e na região também da lavoura canavieira, de Muaná, ao sul da Ilha do Marajó. Foi aí, e somente aí, que a Cabanagem atingiu seu verdadeiro estágio de revolução social.

Esse fato histórico contribuiu para que a região abrigasse grande contingente de população negra e que hoje forma a maior concentração de comunidades remanescentes de quilombos (em terras tituladas ou não) no Pará. A região Nordeste do Pará foi escolhida pelo fato de essa ter o maior adensamento populacional de Comunidades Quilombolas no Estado,

além de fatores sócio históricos como: ocupação territorial, migração e participação de negros escravizados na lavoura da região e que atuaram na revolução Cabana; a presença de locais de culto de religiões de matriz africana e proximidade ao principal centro urbano que compõe a Região Metropolitana de Belém.

Mapa 1 – Localização Geográfica da Mesorregião do Nordeste paraense



Fonte: IBGE - Mapa Político do Estado do Pará (2016).

3.2 Informantes

Foram selecionados para esta pesquisa dezesseis (16) informantes no total, sendo quatro (4) por localidade. Os critérios adotados na seleção de informantes de todas as comunidades quilombolas pesquisadas são os seguintes:

- Indivíduos com escolaridade igual ou inferior à 4ª série do Ensino Fundamental e não escolarizados;
- Um do sexo masculino e um do sexo feminino, entre 18 a 30 anos;
- Um do sexo masculino e um do sexo feminino, entre 50 a 65 anos, para cada uma das localidades.
- Indivíduos nascidos e criados na localidade e que não tenham se afastado por intervalo de tempo maior que 3 anos.

Além desses critérios, também levamos em consideração: boas condições de fonação, disposição e tempo para as gravações.

3.3 Questionário Semântico-Lexical (QSL)

Para o mapeamento semântico-lexical das comunidades quilombolas pesquisadas, utilizamos o Questionário Semântico-lexical (QSL) do projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), considerando os campos semânticos utilizados pelo projeto.

O Questionário Semântico-lexical do ALiB é composto por 202 itens lexicais, distribuídos em 14 campos semânticos, a saber: acidentes geográficos; fenômenos atmosféricos; astros e tempo; atividades agropastoris; fauna; corpo humano; ciclos de vida; convívio e comportamento social; religião e crenças; jogos e diversões infantis; habitação; alimentação e cozinha; vestuário e acessórios; e vida urbana, e uma solicitação para que o informante faça um relato de experiência pessoal. O QSL figura dentro do questionário do ALiB como o de maior extensão e sujeito a apresentar maior número de variantes nas respostas nos inquéritos, o que o coloca em destaque no desenvolvimento desta pesquisa na construção de cartas linguísticas.

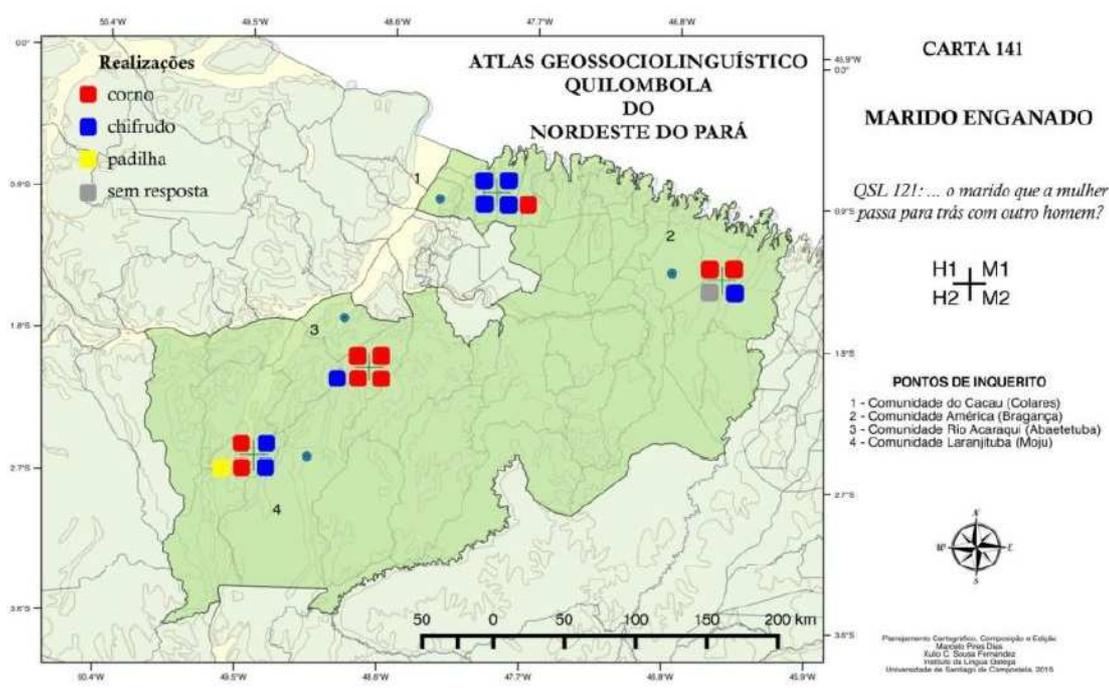
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A discussão do *corpus* acerca dos tabus linguísticos é feita a partir das análises geossociolinguísticas dos dados contidos nas cartas lexicais elaboradas, da verificação dos conceitos das lexias registradas nas cartas em obras lexicográficas e do enquadramento dessas lexias no modelo de classificação de tabus linguísticos elaborado por Guérios (1979).

4.1 Item Marido Enganado

Sobre a questão 141 do QSL, foi elaborada a carta 141 que apresentamos e discutimos a seguir. Nela, foram registradas três lexias, sendo as lexias *cornu* (50%) e *chifrudo* (44,44%) as mais recorrentes.

Carta 141 – Questão 141: MARIDO ENGANADO



Conforme os dados mapeados na carta 141, verificou-se, quanto à variação diatópica, que as lexias *corno* e *chifrudo* estão largamente difundas pelo território mapeado, obtendo registro nas quatro localidades. A lexia *chifrudo* predomina no ponto de inquérito 1 (4 em 5 registros), a lexia *corno* predomina nos pontos 2 (2 em 3 registros) e 3 (4 em 5 registros). No ponto de inquérito 4, observando-se o fator diagenérico, verifica-se que a lexia *corno* ocorre apenas na fala dos informantes do sexo masculino, enquanto que *chifrudo* ocorre apenas para o sexo feminino. Procedendo-se à análise semântica dos dados mapeados na carta 141, para a questão 121 do QSL aplicado, foram mapeadas no *corpus* as seguintes formas designativas para o conceito em questão: *corno*, *chifrudo* e *padilha*. O dicionário Priberam (2008-2013) registra a lexia *corno* como Tabuísmo, sinônimo a *chifrudo* e *cornudo*:

Corno: adjetivo de dois gêneros e substantivo masculino
7. [Tabuísmo] Que ou homem que sofreu traição amorosa ou conjugal.
= CHIFRUDO, CORNUDO

Cunha (1997, p. 218) registra no Dicionário Etimológico Nova Fronteira a acepção: “cornEAR [...] ser infiel (à pessoa a quem se está ligado por laços de amor carnal)”. A lexia *chifrudo* foi registrada no Priberam (2008-2013) da seguinte maneira:

chi·fru·do (chifre + -udo) adjetivo e substantivo masculino**1. Que ou quem tem chifres.****2. [Informal] Que ou quem foi traído pelo parceiro amoroso ou pelo cônjuge.
= CORNUDO**

Já a lexia *padilha*, cartografada no ponto de inquérito 4 (Moju), parece representar um neologismo formado a partir de um nome próprio, mas está não dicionarizada na acepção em questão (marido enganado) por nenhum dos dicionários consultados. As lexias *cornu* e *chifrudo* são classificadas por Benke (2012), em estudo geolinguístico realizado a partir do banco de dados do ALiB, como a pertencente à categoria “carga semântica pejorativa”, em contraposição a outras lexias como *chapéu*, *coitado* e *marido enganado*, que a autora classifica como pertencentes à categoria “carga semântica eufêmica”. Utilizar uma lexia com carga eufemística em lugar de outra com maior valor pejorativo constitui uma estratégia linguística para evitar o uso de um tabu linguístico como resposta. Esse recurso é utilizado largamente nos dados aqui estudados, como veremos adiante. Observando-se as transcrições dos contextos de “pergunta e resposta” das entrevistas realizadas nos quatro pontos de inquérito, verifica-se que há indícios de que as duas lexias mais recorrentes (*cornu* e *chifrudo*) representam tabus linguísticos nas comunidades investigadas, como se pode observar no trecho:

INF. M1**INQ. O marido que a mulher passa para trás com outro homem?****INF. Ah!, com outro homem, chato falar kkk****INQ. Sim, ela passa para trás seu marido com outro homem****INF. Ela ta traindo ele, kkk****INQ. Mas, que nome se da ao homem?****INF. Ele é o amante?****INQ. Não é o cara, mas o homem quando passa na rua vocês dizem lá vai o?****INF. kkkkkk o boi kkkk, o chifrudo kkkk**

Observa-se que há presença de hesitação da informante (INF.) em utilizar uma lexia específica como a resposta à pergunta do inquiridor (INQ.). Assim a resposta é formulada com a ausência de qualquer lexia que represente tabu linguístico: “Ah!, com outro homem, chato falar kkk”. Após a insistência do inquiridor, a informante utiliza uma “expressão genérica e sem restrição”: “Ela tá traindo ele”, que pode enquadrar-se no que Guérios (1979) classificaria como um recurso linguístico utilizado pelo falante para evitar o uso do vocábulo tabu: “são meios indiretos e meios diretos dissimulados, i.e., substitutos que velem de qualquer modo o ser sagrado-proibido”.

As lexias utilizadas como resposta final à pergunta, obtidas a partir da insistência do inquiridor, são “boi” e “chifrudo”, podem ser classificadas, a partir da proposta de Guérios op. cit., como metáforas, que constroem, a partir de analogias, estratégias para se desviar do uso de lexias com maior carga semântica pejorativa. As três respostas dadas pela informante são antecedidas, sucedidas e/ou intercaladas com risos, o que denota vergonha de pronunciar as lexias em questão. O mesmo processo pode ser observado na entrevista com outro informante da comunidade Cacau:

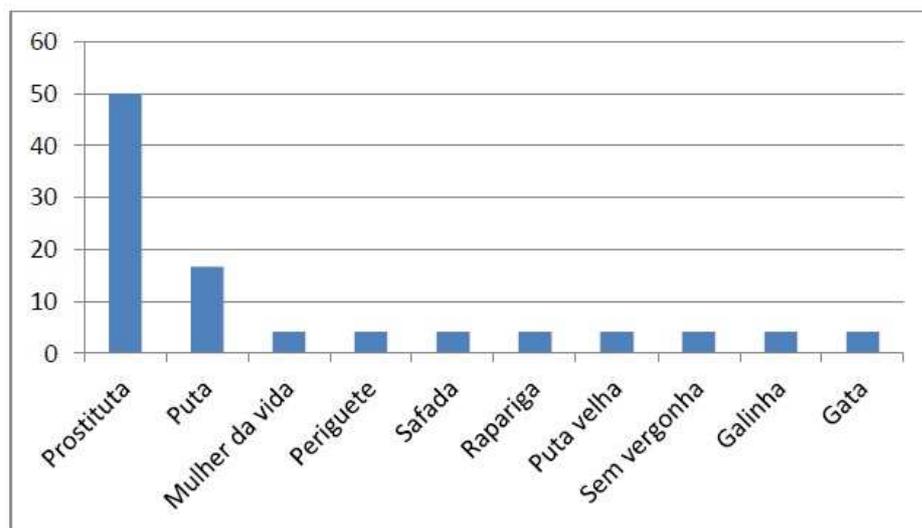
INF. M2
INQ. O marido que a mulher passa para trás?
INF. Ele é é é ...
INQ. Ela passa para trás saindo com outro homem, que não é o marido.
INF. rrsrrsrrs é um corno.
INQ. Tem outro nome?
Comentado [D24]: Onde é esse adiante?
Formatado: Realce
Comentado [D25]: Falar DA QUESTÃO DA LINGUAGEM NÃO VERBAL na
metodologia.
INF. rrsrrsrrs, são corno, rrsrrsr são chifrudo.

No primeiro momento, verifica-se a hesitação do informante, que somente após a insistência do inquiridor fornece as repostas requeridas, contudo elas são acompanhadas de risos.

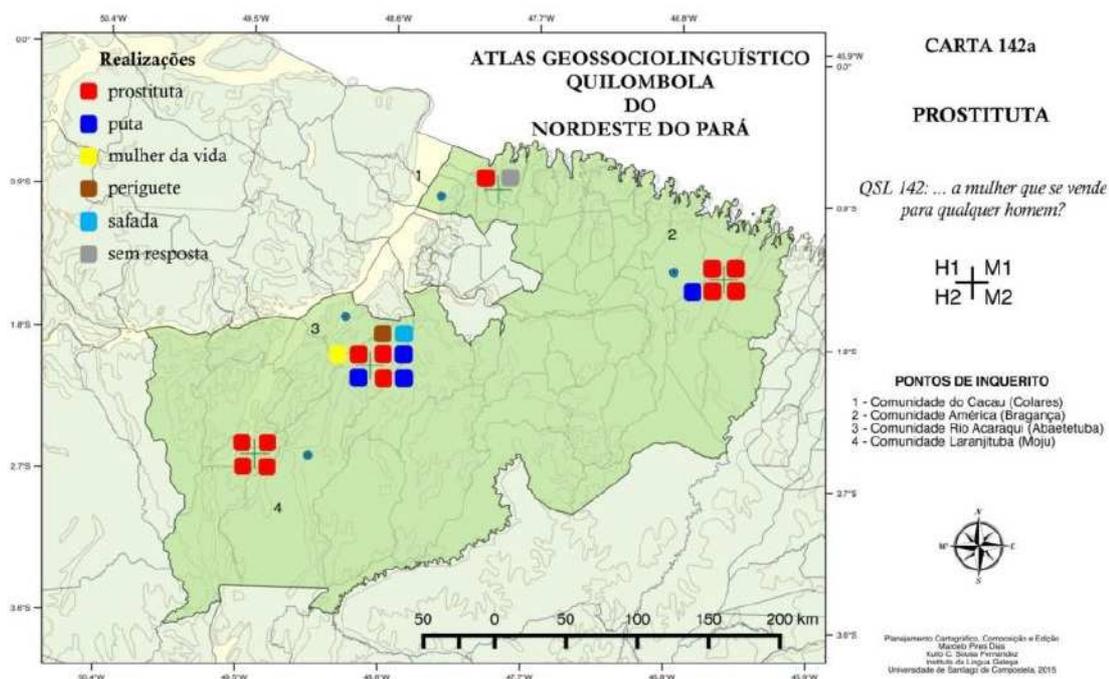
4.2 ITEM PROSTITUTA

Sobre a questão 142 do QSL, foram elaboradas as cartas 142a e 142b3. Nelas foram registradas 10 lexias para designar prostituta. As lexias mais recorrentes são prostituta (50% das ocorrências) e puta (16,66% das ocorrências). Como se pode observar no gráfico 1:

Gráfico 1: Designações para PROSTITUTA – QSL 142



Carta 142^a – Questão 142: PROSTITUTA



Fazendo-se uma análise geossociolinguística dos dados mapeados na carta 142a, verificou-se, quanto à variação diatópica, que a lexia *prostituta* obteve registro nas quatro localidades, predominando nos pontos 2 e 4. Quanto à variável diageracional, observou-se para essa lexia predomínio de registros na primeira faixa etária (58,33%), enquanto que o percentual para a segunda faixa etária foi de 41,67%. Por outro lado, os dados registrados da

lexia *puta*, pontos de inquérito 2 e 3, privilegiam a segunda faixa etária (75 % das ocorrências) em detrimento da primeira (25% das ocorrências).

Realizando-se uma análise semântica das dez lexias registradas nas cartas 142a e 142b, para designar prostituta: *prostituta*, *puta*, *mulher da vida*, *periguete*, *safada*, *rapariga*, *puta velha*, *sem vergonha*, *galinha* e *gata*, verificou-se no dicionário *on line* Priberam (2008-2013) a seguinte designação para prostituta:

prostituta | s. f.
fem. sing. de prostituto
pros·ti·tu·ta (latim *prostituta*, -ae)
substantivo feminino 56 Mulher que obtém lucro através da oferta de serviços sexuais;
mulher que exerce a prostituição. = PEGA, MERETRIZ, RAMEIRA

A designação é bem semelhante à dada no Dicionário Aurélio, que define *prostituto* como “indivíduo que pratica o ato sexual por dinheiro”. Quanto à lexia *puta*⁴ (e *puta velha*⁵-variante), Cunha (1997, p. 649) a referência como “*sf.* ‘meretriz’ ‘mulher devassa’”, feminino de *puto*, do latim “*puttus*”: rapazinho, menino. O dicionário Priberam (2008-2013), classifica a lexia como tabuísmo e depreciativo:

4 registrada na carta 142a, nos pontos de inquérito 2 e 3
5 registrada na carta 142b, no ponto de inquérito 1
pu·ta / sf.
1. [Tabuísmo] Mulher que se prostitui. = MERETRIZ, PROSTITUTA, RAMEIRA
2. [Tabuísmo, Depreciativo] Mulher que tem relações sexuais com muitos homens.

A expressão *mulher da vida* está dicionarizada no Houaiss como regionalismo do Brasil, de uso eufemístico e pejorativo para a acepção: “meretriz”.

A lexia *periguete* está dicionarizada no Aurélio como moça ou mulher que não tem namorado e apenas demonstra interesse por qualquer um. A lexia aparece como verbete também no dicionário *online* Priberam (2008-2013) como:

periguete | s. f.
pe·ri·gue·te (origem duvidosa, talvez de *perigo*)
substantivo feminino
[Brasil, Informal, Depreciativo] Mulher considerada demasiado liberal, que
geralmente se veste de forma provocadora. = PIRIGUETE

As duas definições encontradas não abrangem a prática sexual em troca de dinheiro, contudo aproximam-se do conceito por constituir, em ambos os usos, uma forma pejorativa de referir-se a mulheres com atitudes reprováveis por uma parcela da sociedade no que se refere ao âmbito sexual.

Quanto à lexia *safada*, a definição encontrada que mais se aproxima do contexto semântico foi a do dicionário *online* Priberam (2008-2013):

- sa·fa·do (particípio passado de *safar*)**
adjetivo
- 1. Tirado para fora, extraído, livre.**
 - 2. Gasto com o uso.**
 - 3. [Popular] Desavergonhado.**
substantivo masculino
 - 4. Indivíduo vil, desprezível, cínico.**

A acepção 3 “desavergonhado” coincide com o uso da lexia *sem vergonha*, registrada na carta 142b (mapa 3), que consta do Priberam (2008-2013), assim como do Aurélio, mas como adjetivo de dois gêneros e dois números, na acepção: desavergonhado, brio.

A acepção 4 “Indivíduo vil, desprezível, cínico” também remete ao tratamento pejorativo dado às pessoas de comportamentos socialmente reprovados, o que ampara o uso da lexia *safada* para referir-se à *prostituta*, registrada no ponto de inquérito 3, na carta 142a.

A lexia *rapariga* foi registrada como resposta da informante M2, no ponto de inquérito 1, na carta 142b. O dicionário Aurélio registra a lexia com duas acepções distintas:

ra.pa.ri.ga Substantivo feminino. 1.P. us. no. Brasil. Mulher nova. 2.Bras. N. N.E. MG GO. Prostituta.

Na primeira acepção: *mulher nova*, diz-se que esta está perdendo o uso no Brasil. Já para a segunda acepção (*prostituta*), o dicionário assinala o fator diatópico do uso dessa lexia nas regiões norte, nordeste e nos estados de Minas Gerais e Goiás. O que se confirma nos dados mapeados neste estudo, uma vez que a região do Nordeste paraense, divisa com o estado do Maranhão, é justamente uma zona de confluência entre as regiões norte e nordeste do Brasil. 58 A lexia *galinha* é dicionarizada no Aulete Digital como: “(Fig.) Mulher devassa, que se entrega facilmente” e como gíria (acepções 4 e 5) na seção verbete atualizado no mesmo dicionário:

(*ga.li.nha*) sf.

1. Fêmea do galo.

2. Cul. Prato preparado com a carne dessa ave (galinha assada)

3. Fig. Pej. Pessoa frouxa, covarde: Ele não passa de um galinha!

4. Gír. Pessoa que mantém relações sexuais com muitos parceiros.

5. Gír. Pej. Pessoa muito volúvel, que se entrega com facilidade a qualquer coisa.

Quanto à lexia *gata*, registrada na carta 142b (mapa 3), não se verificou a dicionarização em nenhum dos dicionários consultados na acepção de *prostituta*. Contudo, a definição do Aurélio (FERREIRA, 2004) dá indícios da associação semântica dessa lexia ao conceito em questão:

ga.ta Substantivo feminino. 1.A fêmea do gato. 2.Marinh. Nome comum a vários mastros. 3.Bras. Mulher bonita e provocante.

Na acepção 3, o adjetivo “provocante” remete a questões de ordem sexual, o que deve constituir o viés semântico pelo qual a lexia estaria migrando para a acepção *prostituta*, registrada no *corpus*.

Observando-se as transcrições dos contextos de “pergunta e resposta” das entrevistas realizadas nos quatro pontos de inquérito, verifica-se que há indícios de que lexias como *prostituta* e *puta* representam tabus linguísticos nas comunidades investigadas.

No seguinte trecho, da informante M2 da comunidade Cacau, observa-se inicialmente que a pergunta provoca risos na informante. A lexia utilizada como resposta pela informante é *sem vergonha*, que parece ter um tom eufemístico em relação à *prostituta* ou *puta* (lexias com maior frequência de uso nos dados).

INF. M2

INQ. Como se chama para a mulher que se vende para qualquer homem?

INF. Ah!!! Kkkk 59

INQ. Aquela mulher que vende o seu corpo, como se chama?

INF. Vou falar mas, kkk, é uma sem vergonha

INQ. Tem outro nome?

INF. Acho que têm, hum!, sei lá. Sem vergonha mesmo, como mamãe chamava.

INQ. Tem outro nome?

INF. Porque ela não gosta do marido.

Na sequência, observa-se que a informante desvia do uso de uma segunda lexia requerida pelo inquiridor, utilizando uma “expressão genérica e sem restrição”: “*Porque ela não gosta do marido*”, seguindo a classificação de Guérios (1979).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados tratados neste artigo revelam diferentes perspectivas de fala dos participantes, a considerar questões culturais e sociais da localidade onde os dados foram coletados. Em outras palavras, os lexemas analisados nesse artigo nos convidam a conhecer melhor a cultura paraense, em especial aquela semiotizada na localidade em que os dados foram coletados.

Dessa forma, é pertinente considerarmos que as Variantes Linguísticas identificadas e mapeadas são, na verdade, uma demonstração de um contexto cultural mais amplo, cujas práticas sociais podem ser percebidas por intermédio da pluralidade linguística diatópica.

Em síntese, consideramos que tais variantes não podem ser consideradas melhores ou piores em relação a outras variações linguísticas. Partimos da premissa de que o estigma da fala colabora para uma política e social de marginalização dos povos mencionados, o que não pode ser perpetuado em uma sociedade pós-moderna, cujos saberes são, na verdade, resultados de múltiplas interações, não sendo pertinentes rotulações.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo/SP: HUCITEC, 2006.
- BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo/SP: HUCITEC, 2003.
- BENKE, V. C. M. **Tabus Linguísticos nas capitais do Brasil: um estudo baseado em dados geossociolinguísticos**. Campo Grande - MS, 2012.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador: Introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- CARDOSO, S. A. M. A Dialetologia no Brasil: Perspectivas. **Revista DELTA**, v. 15, n. ESPECIAL, pp. 233-255, 1999.
- CUNHA, A. G. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexicon, 2007.
- FAZENDA, I. Interdisciplinaridade-Transdisciplinaridade: Visões culturais e epistemológicas. In.: FAZENDA, I (org). **O que é Interdisciplinaridade?** São Paulo: Editora Cortez, 2008. p. 17-28.
- GUÉRIOS, R. F. M. **Tabus linguísticos**. São Paulo: Ed. Nacional; Curitiba: ed. da Universidade Federal do Paraná, 1979.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, Estado do Pará, 2016.

LABOV, W. **Principles of linguistic change: social factors**. Oxford: Blackwell, 2001.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2013.

MORIN, E. **Introdução ao Pensamento Complexo**. 4ª ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2011.

MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. Dialetoologia Brasileira: Atlas Linguístico do Brasil. **Revista da ANPOLL**, n. 8, p. 41-57, jan./jun. 2000.

OLIVEIRA, J. M. de. A Sociolinguística Laboviana: Festejando o cinquentenário e planejando o futuro. **Revista Estudos Linguísticos**, v. 58, n. 3, Campinas, pp. 481-501, 2016.

PAIM, M. M. T.; NEIVA, I. Lexicografia Pedagógica da Língua Portuguesa e Dialetoologia: Tecendo redes de conhecimento. **Revista Domínios de Linguagem**, v. 12, n. 4, pp. 2010-2034, 2018.

SEVERO, C. G. Entre a Sociolinguística e os Estudos Discursivos: O problema da avaliação. **Revista Interdisciplinar**, ano VI, v.14, pp. 07-18, 2011.

SILVA, A. T. B; ALBUQUERQUE, F. E.; SISSI, S. A. A. Sociolinguística Variacionista: Dos meandros sociais à língua em situação de uso. **Facit Business and Technology Journal**, v. 11, n. 3, pp. 17-33, 2019.

Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

CARDOSO, D. R; FACUNDES, S. S. Cartas Linguísticas de Comunidades Quilombolas no Estado do Pará: Um Estudo Dialetoológico e Sociolinguístico. **Rev. FSA**, Teresina, v.18, n. 8, art. 8, p. 148-164, ago. 2021.

Contribuição dos Autores	D. R. Cardoso	S. S. Facundes
1) concepção e planejamento.	X	X
2) análise e interpretação dos dados.	X	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X	X